Numero 1117 — Faro, 1 de setembro de 1929 — Ano 22

Director-Proprietario, Editor
Ferreira da Silva
Redacção, administração, composição e impressão
Rua de Alportel, 23 a 27
SEMANARIO INDEPENDENTE
NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS

O ALGARVE

SILVA NOGUEIRA
Fotografia Brazil
E' O MELHOR ATELIER DE LISBOA
141—Rua da Escola Politecnica—141

SEMPRE CHEGAMOS...

O Algarve já por duas vezes prometera apresentar-se de fato novo. Mas o fato é tão caro, a vida é tão dura que o forçaram ao adiamento desse designio de boa presença fisica.

As circunstancias em que vive, apenas do favor dos seus assinantes e anunciantes, sem ter ao seu lado nenhum grupo nem *coterie*, a sua independencia que o faz dizer hoje coisas que agradam a estes e desagradam áqueles, e amanhã coizas que produzem o efeito contrario, o que lhe reserva um publico reduzido, embora firme, tudo isso lhe não facilita uma vida de largueza que lhe permita reformar os seus serviços quando eles não correspondem, nem á sua vontade nem ao seu melhor funcionamento.

Mas o dia chegou em que é possivel realisar, senão brilhantemente, pelo menos com a modestia que os nossos limitados recursos permitem, essa mudança de aspecto exterior. Por isso, aqui nos teem hoje os nossos amigos, que são todos os que nos dão as suas assinaturas, os seus anuncios, a sua colaboração ou a sua solidariedade, vestidos de novo.

Mas, embora assim de aspecto exterior rejuvenescido, *O Algarve* segue a sua velha orientação de independencia altiva e correcta que sempre tem mantido nas suas opiniões e nas suas ideias. E, como dizia Beaumarchais pela boca de Figaro: «Louvado por uns, censurado por outros, rindo dos tolos e apontando os maus» se não nos «apressamos a rir com receio de sermos obrigados a chorar», temos sempre a coragem de dizer a verdade sem medo de uns nem de outros e sempre na intenção de sermos uteis a todos.

*

Pareceu-nos indispensavel dizer estas palavras que os factos confirmam, hoje, que conseguimos vencer mais uma *etápe* da nossa modesta, mas já longa existencia, hoje, que sentimos o regosijo e o orgulho do nosso esforço traduzido nesta melhoria das nossas instalações.

E' possivel que alguem sorria desta alegria simples, deste regozijo ingenuo.

Nós conhecemos o meio e sempre mostramos essa sciencia quando é necessario.

Sabemos, ouvimos. Ha sempre incapazes que riem de tudo e ha sempre vaidades amachucadas, interesses ensanguentados, mentiras desfeitas, despeitos em desespero, que andam por ahi a dizer mal.

Temos por todos esses elementos de calunia e de vingança um grande desdem; não é desprezo, chega a ser um desdem olimpico.

Nunca por causa deles a nossa caravana recuou ou torceu caminho... E segue.

Se neste quadro do nosso regosijo não quizemos esquecer esta pincelada de sombra hostil, nem por isso deixamos de endereçar toda a expressão do nosso reconhecimento, toda a nossa sincera e comovida gratidão áqueles que com suas assinaturas, os seus anuncios, a sua colaboração e a sua amisade constituem as celulas vitaes deste organismo.

E' deles esta obra e para eles se continuará.

Coisas da Vida...

CÁ E LÁ...

O general Jivkovitch, ditador da Jugo-Eslávia, para melhor se certificar como os funcionarios do Estado cumpriam com o seu dever, deixou o ambiente de protocolo e envergou um velho fato, tomando lugar numa carruagem de 3.ª classe para a cidade de Kranie.

Assim que desembarcou encaminhou-se para o tribunal onde, a-pesar-de ser hora de encontrar tudo a postos, o encontrou deserto.

Desde o mais alto ao mais humilde funcionário estava tudo a pescar.

O general sentou-se como qualquer homem do povo, num banco, e aguardou que os dignos funcionários viessem.

Passaram as horas. Só moscas e o silencio. Porém, antes de se retirar, deixou expresso em papel, em nome do Governo, que o Juiz apresentasse a sua demissão.

Que encontraria o sr. Ministro do Interior do nosso Paiz se fizesse uma visitazinha ao Algarve, ouvisse os clamores do povo e observasse de viso a demonstração de competência e patriotismo de certas Camaras Municipais deste Districto ?!...

Numa que eu cá sei teria de morrer de sêde, e, se não andasse depressa, era comido pelos mosquitos, apalpado pelas moscas, e perfumado pelo estrumeiral imenso que é a vergonha de gente asseada.

Ou por favoritismo ou por qualquer outro motivo, os povos aí vão sofrendo, desde o abuso ao abandono e á indiferença.

Porque não faz o sr. Ministro do Interior o mesmo que fez o sr. dr. Oliveira Salazar que,—segundo a historia corrente—naquela surprêsa de Setubal, foi encontrar a prova do mau patriotismo ?

Isso é preciso para prestigio da Ditadura, para engrandecimento da Patria e castigo dos culpados e tambem para convencer o povo que já não existe impunidade.

Se isso sucedesse, como seriam reparadas tantas injustiças ?!...

Miguel Apolonio

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Loulé a Tavira

Vão brevemente principiar as obras da empreitada da reparação completa da estrada de Loulé a Tavira, ha tempo adjudicada ao sr. Francisco Guerreiro Pegos, desta cidade.

A abertura da caça efectua-se, em todo o Paiz no dia 15 de Setembro

O sr. ministro do Interior, em face das reclamações que lhe foram apresentadas, determinou que a abertura da caça, em todo o paiz, se realise no dia 15 de setembro, encerrando-se em 31 de janeiro.

—

Muitos caçadores desta provincia enviaram telegramas ao sr. ministro do Interior, pedindo que este ano não fosse decretada a abertura da caça.

Creança que nasce a falar

Nas proximidades de Estoy uma senhora deu á luz uma creança, que após duas horas do nascimento pediu á mãe para lhe comprar uma camisa na Casa Portugal.

Um grande triunfo!

Uma grande gloria!

O sr. ministro das finanças acaba de publicar num lucido e documentado relatorio, os resultados da sua gerencia no ano de 1928-1929—**um saldo positivo de 285.000 mil contos.** Nunca ninguem aqui, e no estrangeiro ainda menos, supoz que tal resultado fosse possivel, nem em Portugal, desde que ha contas publicas organisadas, tal facto se deu.

E a razão principal desse estranho facto é que nunca houve um ministro das finanças da envergadura moral e intelectual do sr. Oliveira Salazar, um ministro cujo patriotismo só conhece o bem publico e que, acima de tudo, só serve os verdadeiros interesses da sua Patria.

E' preciso celebrar este facto culminantissimo na historia da administração publica em Portugal, este facto que nos apresenta, perante o mundo, solventes e honrados, quando por todo ele só tinhamos a fama de falidos e de trapalhões.

E não ha nessa exposição clara, limpida, em que os numeros e os factos se apresentam com uma nitidez tão rigorosa, a minima restea de sombra, a mais tenue nuvem, que permita restrições ou duvidas.

Ficam assim juguladas as mentiras revolucionarias que se encastelaram para se desacreditar as afirmações e os calculos do sr. dr. Oliveira Salazar, apenas no intuito de retardar esta hora de suprema gloria, que é ao mesmo tempo, a condenação de toda a politica de desordem e banditismo inspirada e dirigida pelo subterraneo maçonico, que foi o causador de todo o descredito em que a Republica veio caindo desde o seu advento.

Estas verdades não teem contestação depois dos resultados que ahí se vêem. Elas são a prova insofismavel de toda a baixeza, de toda a crapula, de toda a traição, de todo o regabofe, de toda a obra de aniquilamento patrio que os politicos varridos pelo 28 de maio ahi exerciam. Nenhum homem verdadeiramente patriota pode defender essa gente seja quaes forem as rasões que se tentem apresentar. A opinião nacional não os pode absolver de tantos maleficios, não pode esquecer tantas burlas, nem tantos crimes!

* * *

O sr. dr. Oliveira Salaza, no seu relatorio, não se esquece da vermina que se revolve na sombra, despeitada e odienta desalojada para sempre do comedoiro onde se refocilava.

Mas da sua serenidade de homem de sciencia e de governo, só sahe esta fraze amarga e levemente ironica:

«Aqui pressinto uma atmosfera artificialmente creada que quasi me obriga a pedir desculpa... de ter administrado bem».

As transcrições dos periodos dos relatorios do sr. Afonso Costa são ainda uma outra forma de ironia subtil, esmagadora, para a crapula revolucionaria esfomeada, que ahi tem andado a desacreditar o trabalho heroico, grandioso, realisado com tão segura mestria e tão completo exito, pelo sr. dr. Oliveira Salazar.

Não se é impunemente um ministro patriota, honrado, modesto, incorruptivel, sabedor e independente, em Portugal.

L.

CALDAS DE MONCHIQUE

Afim de estudar o plano de melhoramentos a introduzir nas Caldas de Monchique, estiveram ali a semana passada, os srs. engenheiros Roldan y Pego, director geral de minas, J. Pacheco, Antonio Torres e Conde de Oguela.

O Algarve e o turismo

Ilusões e realidades

Não ha duvida que o Algarve anda nas linguas do mundo.

Os dois maiores jornaes do paiz estabeleceram um *match*, vá lá o barbarismo, para ver qual ha de ser mais prodigo em propaganda e em elogios. Isto dura ha mais de trez anos.

Desde as amendoeiras em flor ás moiras encantadas é um caudal de poesia, uma serie de ditirambos, que deixa os leitores a supor que isto é um canto do paraiso que o pecado original, por uma graça especial da divindade, não poude atingir.

Esta propaganda intensa, o que tem produzido? Quaes os resultados tangiveis deste desesperado reclamo? Apareceram novos hoteis? Melhoraram-se os que estavam?

Nas praias algarvias introduziram-se melhoramentos? Tornaram-se elas aceiadas, comodas, convidativas?

Deixaram elas de ser aqueles logares em que é dificil encontrar casas aceiadas, baratas, mobiladas, como se encontram em todas as praias do Norte?

Encontram-se facilmente, como sucede nas praias do norte, a carne, o peixe, a caça, os frutos e todos os generos alimenticios necessarios ás familias?

Já algumas chegaram á exigencia mais elementar da vida—ter agua capaz de se beber e a bastante para a gente se lavar?

Que nos respondam os que com tanta furia estão apregoando o Algarve e preparando aos que os acreditam desilusões crueis, como tantas nos teem sido contadas.

*

O Correio do Sul, nosso colega desta cidade, transcrevendo um artigo do sr. Ferreira de Castro, sobre praias francezas, acompanha-o de considerações oportunas e justas sobre a Praia da Rocha. Se bem que o nosso colega tenha sido um dos que mais tem concorrido para fazer crêr ao resto de Portugal que o Algarve é aquele pedaço de paraiso escapo á colera divina do pecado original, desta vez temos que render-lhe a homenagem de que andou adejando sobre a verdade.

Oxalá que se acostume e que aprenda a pintar o Algarve como ele é, porque não é feio, e não como o apregoam para aí, afim de evitar desilusões que só contribuirão para afastar os visitantes.

Tudo tem a sua medida e quando o reclamo não corresponde á mercadoria esta só pode devalorisar-se.

Ha no Algarve muita beleza bastante para atraír os turistas.

Para que exagera-la de forma a que ela em vez de uma realidade agradavel constitua uma desilusão prejudicial?

NECROLOGIA

Faleceu nesta cidade a sr.ª D. Emilia Santos Viegas, de 41 anos, esposa do sr. Joaquim dos Santos Viegas, empregado no comercio.

—

Em Vila Real de Santo Antonio faleceu a menina Maria Salomé Raposo da Palma Rita, filha do sr. Antonio da Encarnação Palma Rita, correspondente do *Seculo* naquela vila.

—

Em Alte faleceu a menina Hortense Dias de Souza, de 17 anos, filha do sr. Manoel Dias de Souza.

POLIDOR

De mobilias oferece-se para qualquer terra do paiz.

CARTA DE LISBOA

O progresso devorador de vidas.—Os senhores já repararam nas vidas humanas devoradas pela vertigem do progresso desde ha trinta anos para cá? E' pavoroso! O automobilismo e a aviação batem o *record* dessa corrida da morte. Nos Estados Unidos, em dois anos, só o automobilismo, como é registado pelas estatisticas, fez mais mortos que a guerra em todo o tempo que durou. A guerra deixou na humanidade um desprezo tal pela vida humana, que chega a não se compreender em face da força que tem o instincto de conservação, a resistencia de todo o nosso fisico ao aniquilamento, á morte.

E não se pode dizer que nessa vertigem de desprezo pela vida, sejam aqueles para quem ela tem asperezas de desespero, os que mais a joguem, os que mais a estimem. Pelo contrario! São gentes que podem andar de automovel e gentes que podem andar de avião. Não são pessoas que tenham no drama da vida situações tragicas, dificuldades de viver, lares sem pão, agonias de afecto!

Isto me lembra ao ver a força, a cegueira, com que atiram a vida á travessia do Atlantico, tantos moços, alguns tão aureolados de gloria! Que galeria funebre eles formam já! E para que nesse filme de martirio não falte a graça e o encanto femininos, tambem já algumas mulheres deram a sua beleza, a sua coragem e o seu encanto a esse martiriologio heroico.

Os ultimos foram os dois valentes moços suiços, que, das Lesirias partiram, numa bela manhã de sol, encarrapitados numa fragil aeronave entre caixas de gazolina.

Dizem os entendidos que viram o aeroplano onde eles se embarcaram para a morte, que só um acaso providencial os podia furtar ao fim tragico que tiveram.

Na França, essas aventuras foram proíbidas, e acho que por uma combinação internacional, só deviam ser consentidas quando uma comissão de peritos entendesse que elas eram organisadas em condições de poderem triunfar.

Mas, afinal, o que se virá a ganhar com essa travessia aerea cheia de tantos e tão graves perigos? Pois não se viu o que sucedeu ao Zepelin do Dr. Eckner, a melhor aeronave que se tem construido até hoje, que só por um acaso feliz não naufragou? Que sucedeu com esta ultima viagem? O Zepelin só conseguiu adiantar-se um dia e algumas horas sobre o *Mauretania*, o potente navio de luxo inglez que tem mais de 20 anos.

Não será melhor viajar no navio do mar que no navio do ar?

* * *

O Padrão de Santa Maria. — Subia, ha dias, a Avenida, quando deparei com um pequeno monumento que me impressionou pela robustez da sua estatura, pela simplicidade das suas linhas, pela beleza original do seu conjunto. Era o padrão de Santa Maria, pequeno marco destinado a celebrar e a recordar os heroes do *Augusto Castilho*, afundado pelos submarinos alemães.

Não se pode em tão pouca pedra dizer mais! Ele condensa, com um talento artistico e uma inspiração bem rara e bem distinta, o facto heroico que o inspirou.

A sobriedade das suas linhas, o atarracado da sua estatura, a composição simples, rude, dos seus motivos ornamentaes, são bem um reflexo dessa raça forte de navegadores que soube impôr nas mais longinquas paragens do mundo a dominação e a bandeira da sua nação, mais pelo arrojo do seu animo do que pela força dos seus meios.

Só um artista bem portuguez, um artista bem possuido do instinto, das glorias e das tradições da raça, poderia crear aquela estrofe heroica de pedra, aquele forte grito de gloria aos que tão valentemente souberam morrer honrando-a.

Esse artista é o sr. Raul Lino, um dos nossos mais distintos arquitetos, um daqueles que ha muito soube impor-se pelo talento, pelo estudo e pela originalidade.

Do estudo dos nossos monumentos, do conhecimento da nossa historia e das nossas tradições, soube ele tirar obras cheias de originalidade e tão adequadas ao espirito da raça, que levaram o seu nome em louvor de um extremo a outro do paiz, onde o seu belo livro popularisando a sua linda casa portuguesa, conseguiu que por toda a parte se encontrem já exemplares dela.

A pequena, mas linda obra do padrão, foi escolhida por dois seus colegas ilustres—o sr. Norte Junior e Tertuliano Marques, que, sendo concorrentes tambem, entenderam que o projecto a executar devia ser o do sr. Raul Lino. Esta escolha, feita por dois artistas de tanta competencia, diz bem mais do que tudo o que esta palida referencia sincera pode celebrar.

* * *

Uma excursão fascista.—Noticiam os jornaes que, brevemente, vem a Lisboa uma excursão da mocidade facista italiana. Cremos que será bem recebida. Lisboa é uma cidade acolhedora e precisa de o mostrar, porque tem pretensões a ser um grande centro turistico. Na noticia da excursão italiana noto que ela é feita a bordo do grande transatlantico *Cezare Baptisti*. Este nome é o de um grande patriota italiano que, no Trentino anexado á Austria depois de Sadowa, defendeu os direitos italianos com tal energia e tenacidade que acabou por ser fusilado. Cezare Baptisti foi o protector de Mussulini. Um dia, em que Mussilini teve de fugir da Italia por questões politicas, refugiou-se no Trentino com a familia, em condições de pobreza verdadeiramente desesperadas.

Encontrou no jornal de Baptisti amparo e trabalho.

Foi lá que em folhetim escreveu um romance, o unico da sua vida de jornalista. Esse romance, que, se não é uma obra literaria de valor, nada tem que desmereça quem o escreveu, foi descoberto ha tempos por um editor americano que veio a Roma de proposito para comprar a edição americana. Mussolini ficou surpreendido. Fez um contracto com grande vantagem mas com a condição de que, tudo o que o livro rendesse, seria entregue á mulher e filhos do seu grande amigo Cezare Baptisti. E' mais um traço de simpatia a dar á figura genial do grande reformador italiano. A grandeza não lhe faz esquecer os amigos, como tão vulgarmente se vê.

* * *

Jayme da Conceição.—Tive o prazer de abraçar aqui o nosso amigo e camarada de redacção, Jayme Pacheco da Conceição, moço cujo caracter, inteligencia e qualidades de trabalho, me merecem consideração muito especial e amisade muito sincera. A sua gerencia no Sindicato das Cooperativas é uma prova notavel d'essas qualidades. Se me não engano, o curso dos acontecimentos dará em breve a essa obra de economia, de boa ordem, de escrupulosissima administração inteligente, um retumbante destaque.

Os fados tem de crumprir-se.

* * *

A grande Imprensa.—Ha dias já que a chamada grande imprensa tem em demonstração pelo facto, o valor da sua justiça e dos processos moraes que a orientam.

Ela, que andou a revolver as porcarias do caixote do lixo da

(conclui na 3.ª pagina)

A PAGINA DO CINEMA

Um Grande Filme
O PATRIOTA

Falámos aqui, ha tempo já, de um grande filme historico —*O Patriota*. Por uma penhorante amabilidade de distincto engenheiro que dirige com tanto acerto e competencia os negocios da Paramount em Portugal, o sr. Frederico Ressano Garcia, podemos assistir ha dias, nos ateliers da sucursal da Paramount em Lisboa, á exhibição de ensaio dessa colossal prod ção artistica.

Para pôr os nossos leitores ao corrente desse drama historico, vamos resumir o seu entrecho porque só assim poderão fazer ideia do trabalho admiravel que os grandes artistas que o revivem tiveram para o realisar.

«Como a asa imensa, imponderavel duma gigantesca ave de rapina e de morte, que se houvesse estendido por toda a Russia, a loucura de um ser humano paira sobre cem milhões de creaturas. O imperio mais colossal, mais vasto do mundo está nas mãos de um doido, de um monstro de face humana do qual o mais minusculo capricho enche de creaturas as galés siberianas, decreta assassinios em massa, razzias, torturas e tudo o que ao seu espirito de louco coroado aflora e apraz. Este monstro invadido pelo delirio de perseguição—é o Czar Paulo I

Os habitantes de S. Petersburgo apontam tremendo a massa negra do Palacio Miguel. E' lá que vive o imperador louco. E' lá que ele reina como uma fera na jaula.

Nunca ninguem o viu senão os seus creados e os grandes personagens que estão autorisados a entrar no seu gabinete..

Sabe-se, porem, que é um homem feio, mal encarado, sem cuidado no trajar, continuamente impaciente, preza de continua excitação que ou lhe descerra os labios e, lhe ilumina o rosto em frouxos de riso alvar ou lhe faz faiscar os olhos de raiva e contrahir as feições em expressões subitas de colera agressiva. E' o tipo completo do psicomano excitado e perseguido em luta incessante com as suas lubias.

Habita nele em permanencia um receio, um terror avassalante, o medo de que lhe roubem o trono ou a vida.

Mas, fenomeno perturbante e extranho, no coração deste ser sanguinario e feroz, ha um fundo de sensibilidade afectiva que vibra, que palpita, ao contacto de um unico homem no mundo a quem ele influenciou a inteligencia e a malicia e do qual fez um dono uma governante e um cão: é o conde Phalen, ministro da guerra e governador geral de S. Peersburgo.

Esta é a outra figura colossal desta tragedia estranha. O Conde Phalen é o contrario do Czar Paulo—uma grande força inteligente, logica, implacavel, cheia de raciocionio e de serenidade

Uma grande lucidez de espirito extraordinariamente equilibrada. Um sangue frio perfeitamente inhabalavel. Um homem da classe rarissima desses gigantes discretos que sabem dominar os homens e os acontecimentos do seu tempo.

Compreendeu o Czar, estudou a sua loucura e chegou a resumil-a, a concretiza-la numa formula simples, limpida, pratica.

Conhece agora o Czar como conhece os seus dedos e sabe como hade fazer reagir a sua colera, lisongear e encorajar os seus caprichos, animar as suas torpesas e fazer surgir, quando seja necessario, os infimos restos de sentimento humanitario que dormem no mais recondito fundo do coração do tirano.

Ele sabe vibrar com mestria esse extranho instrumento humano, a sua perigosa animalidade, mas com a prudencia precisa para não se ferir.

Quando os negocios do Estado e a sua presença junto de imperador lhe permitem algum descanço, corre a esquecer os horrores que o seu posto o obriga a afrontar, nos braços de uma linda mulher—a condessa Ostermann, por quem tem a mais respeitosa veneração e a adoração mais apaixonada, o que ela retribue com o mais fiel e terno amor.

Phalen chegou á unica conclusão logica proposta pelos factos—a loucura do Czar; os sofrimentos da Russia, e como strenuo patriota, á necessidade inperiosa de suprimir o louco coroado

Ele o suprimirá. Para isso organisa o seu plano, forma o *complot*, e tece as malhas da conspiração junto de todos os chefes militares.

Por detraz deles está todo o povo russo, que surdamente os aprova com entusiasmo.

E' a coligação implacavel de todas as forças nacionaes contra o poder de um humem que um nome ainda justifica.

Phalen possue o instrumento da execução. E' um antigo soldado da guarda imperial que o imperador num dos acessos de raiva que lhe são peculiares, chicoteou na cara, deante da côrte porque queria que ele tivesse na polaina treze botões e não doze como era da ordenança.

Castigo injusto, idiota e cruel, que criou no coração do soldado Stephen, um odio fundo, uma violente raiva terrivel, contra o seu algoz. Phalen toma-o ao seu serviço e quer utilisal-o no momento proprio.

Uma distração de Phalen, numa noite de visita á condessa Ostermann, faz com que uma carta com o plano detalhado do *complot* caia nas mãos desta que, ao lel-a, vê com grande espanto o papel que o seu amante se prepara para representar.

Mas os destinos cumprem-se. O herdeiro do trono, o principe Alexandre recusa-se a entrar na conspiração pelo amor que tem a seu pae. Apezar disso o Czar, cego pelo terror e pelo ciume, obstina-se em ver n'ele aquele que o quer assassinar e manda por isso, encarcerar o filho. Todo o mecanismo do assassinio está montado. A vontade dos homens vae pol-o em movimento, quando um acontecimento inesperado vem deitar a terra todos os projectos concebidos. Na manhã do dia combinado para a acção, o imperador decide ir fazer uma viagem de amor com a Lopoukine, sua amante. Em vão Phalen emprega todos os recursos da sua diplomacia para que o imperador abandone esse projecto.

O louco recusa-se a desistir do passeio e vae sair.

No coração de Phalen ha uma luta infernal. Desapontado pelo caminho que os acontecimentos, vão tomando, assaltado por mil sentimentos contraditores em que o amor, o desespero e o patriotismo se chocam e combatem decide-se a uma resolução atróz.

Em holocausto á gradeza e á felicidade da sua Patria, resolve-se a sacrificar a unica mulher pelo qual o seu coração palpitou de ternura, pelo qual bateu de amor.

Quando o Czar vae sahir coloca sobre a meza uma caixa de rapé sobre a tampa da qual está o retrato de Loupkina. Phalen rouba-a. O Czar dá pela falta da caixa, enfurece-se. Phalen, por uma manobra rapida, põe-lhe deante dos olhos a sua com o retrato da condessa. Prodigiosamente interessado pela graça, pelo encanto e pela beleza que a miniatura, revela, muda de repente de resolução, como lhe é habitual; desiste da viagem e convida Phalen a vir ceiar com ele na companhia da condessa.

A ceia realisa-se mas o conde a meio do banquete dispõe as coisas de forma a deixar a sua amante só com o imperador. Exarcerbado pelo desejo, entregue ao furor dos seus instinctos, o czar arrasta a condessa para a sua alcova. Esta chora. O Czar no meio de uma torrente de palavras ardentes e apaixonadas, diz-lhe que foi Phalen quem combinou com ele aquela entrevista. Completamente desorientada, cheia de indignação, de agonia e de dor, a condessa chora, desfaz-se em lagrimas, ante aquela traição do homem adorado. Ao contacto deste desespero tão grande, desta dôr tão sincera, o Czar torna-se um homem fremente de sensibilidade e de arrependimento, procurando com desastradas caricias de creança pezarosa, socorrel-a e animal-a. E ela, violentamente perturbada pela falsidade do homem que era todo o seu enlevo e pela bondade desse louco que procura consolal-á, revela-lhe o *complot* urdido por Phalen contra ele. O Czar ordena á guarda que vá prender Phalen. Mas este escapa-se a tempo de casa e apresenta-se. «Vossa Magestade mandou procurar-me. Aqui estou.» A's perguntas do Czar e ás afirmações da amante, responde tranquilamente:

«E certo que faço parte da conspiração mas apenas para estar ao corrente dos projectos dos inimigos de Vossa Magestade.»

Paulo I, a quem a noticia havia lançado no paroxismo do terror e da angustia, as ouvir essas palavras serenas sente renascer toda a sua confiança, no unico homem que ele tem como servidor fiel e como amigo incorruptivel.

E, exteriorisando os seus pensamentos n'uma scena de grande emoção descobre o peito e, entregando a pistola de que está armado, grita a Phalen: «Se tenho de ser morto pelos meus inimigos, mata-me tu, Phalen, que és meu amigo».

«A minha vida responde pela de Vossa Mesgetade».

E pelas faces de Phalen rolam algumas lagrimas vagarosas.

Paulo I em quem os sentimentos teem os extremos proprios da sua psicose, sente tanta alegria que desmaia e é conduzido para o leito por Phalen e pela condessa.

* * *

Noite de inverno sobre a grande metropole de todas as Russias. Nas relogios soou uma hora. E' a hora do *complot*. De todos os pontos as tropas afluem ao palacio imperial. A onda dos assaltantes invade o palacio e chega ao quarto do Czar. Paulo 1, despertado em sobresalto, chama Phalen. Este aparece no meio dos conjurados com um auto de abdicação na mão: «Estou aqui apenas para salvar Vossa Magestade», diz ele.

Paulo lê o pergaminho e indignado, tomado de um ataque de furia, rasga-o e, meio vestido, rugindo de raiva, foge atravez dos salões perseguido pelos conjurados.

De todos os lados outros surgem em sua perseguição. Mas ele consegue atingir a sala do trono e refugiar-se n'este, que é o simbolo sacrosanto da sua função. E deste refugio, onde os seus inimigos se não atrevem a subir nem a tocar, afronta os assassinos com o olhar e com estas palavras solemnes:

«Estou aqui pela vontade de Deus.

Quem ousará matar o Czar»?

A magestade de vinte seculos de monarquia e o poder divino, ultrapassam, n'este momento, todas as torpezas humanas.

Os rostos inclinam-se para o chão e as pistolas tambem.

Mas, de repente, um homem irrompe na sala avançando de punhos estendidos vibrando de odio, de colera e de furor. E' a figura da vingança irremissivel e fatal.

E' Staphen o soldado chicoteado pelo Czar, que vem saciar o seu odio. Ao vel-o, Paulo tem um estremeção de horror. Stephen galga os digraus do trono e com um pulo de fera, rapido como o relampago, cahe sobre o tirano deitando-lhe as mãos ao pescoço para o estrangular. O Czar debate-se, estrebucha n'aquele laço de ferro que o afoga, e, quando nos estremeções d'essa luta, nos paraxismos d'essa agonia, consegue que a voz lhe saia do peito, grita, chama: Phalen! Phalen!

O conde que sobe vagarosamente a escadaria ouve esses gritos desesperados, mas não se apressa. Quando chega ao salão o Czar é apenas um cadaver.

Uma hora depois dois homens estão sentados junto a uma meza bebendo. São Phalen e Stephen.

«Tens de cumprir o teu juramento, Stephen».

Stephen olha para o conde e chora, mas ao ouvir a ultima badalada das duas horas, com os olhos rasos de lagrimas, pega na pistola e dá um tiro no amo. Uma outra pistola surge com o mesmo fim na mão da condessa Ostermann. Nesse momento todos os sinos da cidade reboam toques festivos, anunciando a coroação do Czar Alexandre. A condessa que compreende então toda a altisssima dedicação patriotica e todo o atroz sacrificio de Phalen, ampara-o para que ele ao morrer veja o coroamento da sua grande obra de libertação da patria.

«Não fui nem amante, nem amigo fiel, mas fui um grande servidor da minha patria,» diz Phalen ao cahir morto no chão.

NOTICIAS E CRITICAS

A Realisação

Como foi concebida e realisada esta extraordinaria e bela obra grandiosa que, para nos empolgar e comover, não precisa de recorrer aos velhos moldes de emoção feitos de todas as peripecias do amor, do ciume, do adulterio, de todas essas velhas mascaras usadas com que se disfarçam os vulgarissimos e naturaes instintos dos sexos?

Como é que foram arrancadas á historia e tão admiravelmente revividas, as duas estranhas figuras magistraes que são toda a vida, toda a beleza vigorosa, dessa tragedia épica—uma, pasmosa pela complexidade morbida de sentimentos contraditorios, senhor de um poder imenso sobre a terra, dono absoluto e divino de mais de cem milhões de seres humanos, de cuja vida e destinos o seu capricho, o seu arbitrio podem dispôr sem restrições, outra prodigiosa de serenidade, de equilibrio, de energia e de reflexão, com um amor tão grande á sua patria que lhe sacrifica não só o que de mais belo tem a alegria de viver—a mulher que se adora e o amigo que só em nós confia, mas até, com uma decisão que assombra, a propria vida, ao ver o mal e o desprestigio que a vesania imperial espalha de um extremo a outro da Russia?

Como foi possivel realisar estas duas figuras de epopeia dignas da pena genial de Skakespeare, de Corneille ou de Racine?

Só trez verdadeiros gigantes da cinematografia reunidos, poderiam transmitir-nos essa visão esplendorosa de arte vivida e emocionante, trez homens senhores da chama superior que produz as obras de genio, aquela contra cuja beleza superior é impotente a força destruidora do tempo.

Ernest Lubitsck, Emil Jannings e Lewis Stone, são esses os trez superartistas, marcados ha muito pela admiração universal que em imagens geniaes construiram esse grande poema épico da arte maravilhosa que é o cinema.

Todos os que amam essa arte surpreendente, conhecem o nome de Lubitsch, companheiro de Jannings desde os primeiros exitos do genial artista, actor primeiro e creador depois, de obras cheias de beleza, desde a *Madame Dubarry*, de tão grande exito, do *Paraiso Perdido*, até está em que a sua mestria se ostenta com todo o vigor do seu grande talento, fazendo ver aos que, por vezes, pretendem deprimir o filme americano que ele, quando quer nada fica a dever aos que se lhe dizem superiores.

Lubitsch concebeu o drama e transmitiu-lhe todo o seu genio de artista e toda a sua força de realisador, trabalhando sem repouso para se documentar e conhecer a fundo a historia grande a que resista os factos no seu conjunto arquictetural, a pequena historia a que nos ensina todos os pormenores, todas as minucias dos grandes acontecimentos. Só assim podia dar-lhe forma e fazer compreender e viver os seus personagens. Juntou livros, estampas, gravuras e com Jannings e Stone viu o que foi Paulo I e o que foi Phalen, seu favorito.

A scena que eles consideraram a scena capital do drama, a scena culminante da obra, foi a da morte do Czar na sala do trono. Lubitsch, na perfeita consciencia de grande artista que é, entendeu que ela devia ser rigorosamente a reprodução da historia, tanto mais que ela é admiravelmente cinematografica e produndamente emotiva, e ao delineal-a, dizia para Jannings: «Nessas horas de incerteza e de agonia, não é só a vida de um homem que está em jogo, é tambem outra coisa bem mais superior—os destinos de um povo. E, nesses momentos, os olhares, os gestos, a propria respiração, são actos e o menor deles anima ou retem o punhal ou veneno».

A historia diz: «Emquanto Phalen espiava o imperador, os outros conjurados entraram na alcova onde ele estava dormindo. Este ao dar por eles procurou esconder-se, mas quando foi descoberto, Benningsen de espada na mão, apresentou-lhe o auto de abdicação, que ele não quiz assinar, fugindo atravez do palacio, perseguido pela matilha dos conspiradores e conseguindo refugiar-se na sala do trono onde no decorrer dessa noite tragica foi estrangulado».

Só a vista do filme pode dar ideia completa da forma como a mestria, o talento, de Lubitsch conseguiu reconstruir essa tragica scena de um dos mais celebres regicidios da historia.

O Desempenho

Jannings atinge no *Patriota* a culminancia genial da sua carreira de actor do cinema, tendo-se despido de alguns pequenos senões, que, por vezes, embora tenuamente, ensombravam os esplendores fulgurantes da sua arte superior.

Aqui o papel é estupendo, e exige um tal esforço de interpretação e realisação que assombra.

A insubistencia continua, a mudança constante e subita de sentimentos do personagem, exige uma tensão tal na sua expressão exterior, nos seus gestos, nos seus movimentos, nas contrações do rosto, na mobilidade vertiginosa do olhar, que só por si define o genio excepcional de Jannings.

A dificuldade é tanto maior quanto é certo que Paulo I não é um louco completo, cuja reprodução seria por esse facto bem mais facil, mas sim um psicomano excitado e perseguido que dentro das suas lubias raciocina e procura defender-se.

Jannings, consegue, por uma forma genial, dar-nos, no gesto, toda a vida interior morbida e inquieta, uma vida de pesadelo horrivel, desse tarado coroado e cruel.

O filme mostra o agravamento constante das lubias que o avassalam e que nas scenas finaes, nos dão situações em que Jannings é sublime. Dûas dessas scenas merecem menção especial fóra da mais culminante de todas—a scena da morte, porque elas documentam, por forma iniludivel, o grande trabalho realisado por Jannings.

A primeira é a scena da caixa de rapé sobre a tampa da qual está o retrato da Loupukina que o Czar coloca sobre a meza e que Phalen escamoteia. Paulo procura-a, reclama-a, espoja-se no chão para ver se a encontra, levanta-se, bate na meza com furia, exigindo-a de Phalen que quando o vê no auge da indignação entende ser o momento proprio para intervir e, saindo da sua atitude indiferente, por uma manobra rapida, põe-lhe diante dos olhos esgaseados a sua caixa sobre a qual, numa miniatura preciosa, está o retrato da sua amiga a Condessa Ostermann. O efeito é magico. Ante a beleza a simplicidade ingenua, o encanto que se destaca desse rosto lindo, as feições de Paulo I perdem de subito o seu aspecto colerico e a sua atitude furiosa. A sua larga face contraída vae-se iluminando de satisfação, e de encanto até um longo sorriso de alegria infantil, tão sincero como o de uma creança a quem, para a contentar de uma birra, se apresenta um lindo brinquedo apetecido. Já lhe não lembra a outra, nem a caixa nem a mulher, que, na sala contigua, o espera para o passeio e que impaciente abre a porta e o chama, o que lhe vale ser desabridamente corrida.

A outra scena é aquela em que a condessa lhe diz que Phalen trama contra ele um *complot* para o matar e lhe mostra a carta em que se prova iniludivelmente essa traição. E' esplendida de beleza a maneira como as revelações da condessa refletem no rosto de Jannings primeiro a incredulidade, depois a duvida, e, em seguida, em presença da carta, a certeza dessa traição que o põe em furia e o faz armar-se de uma pistola e ordenar a prisão de Phalen. E' esplendida a expansão contraria que começa com a presença serena e calma de Phalen, disendo:

«Vossa Magestade mandou procurar-me. Aqui estou».

Paulo, sempre brandindo a pistola, expande-se em imprecações que ricocheteam na tranquila serenidade do conde até que ao chegar á altura de uma resposta decisiva, Phalen diz:

—«E' certo que faço parte de uma conspiração contra Vossa Magestade, mas para conhecer e aniquilar os planos dos seus inimigos».

Esta resposta desconcerta-o por completo e provoca um episodio que é dos melhores do drama. A' maneira que a confiança lhe vae entrando de novo no coração o Czar dá lárgas aos lamentos do medo que lhe enche a alma e lhe tortura a vida.

Num gesto decidido põe o largo peito a nú, e, oferecendo a pistola a Phalen diz-lhe:

—«Se tenho de morrer ás mão dos meus inimigos mata-me tu, Phalen, que és meu amigo».

O conde responde com rapidez e firmeza impressionante: «A minha vida responde pela de Vossa Magestade?»

E fica encostado á meza, impassivel, emquanto pelo rosto, vagarosamente, algumas lagrimas vão caindo. E' a expansão final da crise. O czar levanta-se de repente, e com o rosto a radiar satisfação abraça-se a ele dizendo:

«Tu choras Phalen?» E aliviado daquela duvida que lhe aumentava o sofrimento, a inquietação do medo que nele habita em permanencia, abraçado a Phalen se deixa dormir confiado e satisfeito.

A scena da morte que é evidentemente a scena culminante do filme é de um efeito admiravel pela concepção e pela realisação. Perseguido pelos conspiradores o czar atinge a sala do trono e consegue sentar-se nele. No seu rosto já não ha aquela inquietação de agonia e de morte que a perseguição lhe dava, mas o seu olhar inquieto e feroz percorre relampejando odio e vingança o circulo dos conspiradores onde brilham as pistolas e os punhaes em gestos ameaçadores. A fera sente-se no ultimo reducto:

—«Estou aqui pela graça de Deus! Quem ha aí que ouse matar o Czar?»

Jannings atinge aqui uma atitude de tão extraordinaria magestade, de tão legitima defeza, que, nós mesmos sentimos todo o prestigio, todo o respeito, todo o mistico terror que faz pasmar e desfalecer a furia daquela matilha de assassinos. Esplendido! Sublime!

* * *

Que dizer de Lewis Stone que não tenhamos já dado a entender nesta referencia sem pretensões, feitas ás excepcionaes belezas deste filme grandiosamente emocionante e cheio de arte da mais bela e da mais pura? Não era possivel arranjar a Jannings um *partenaire* de tão alto merito como Stone. Que esplendida figura! Que admiravel interprete!

Só vendo-o.

* * *

Não queremos fechar estes apontamentos sem nos referirmos a Florence Vidor. Ela é, como sempre, cheia de graça fina, de distinção nobre, de aristocratica simplicidade. Só quem como ela possue esses encantos de nascença, nos poderia dar a

(conclui na 3.ª pagina)

CARTA DE LISBOA

Rosa Catatau, ela que diariamente revolve no caixote do lixo da policia, todas as denuncias que lá cahem, quer sejam verdadeiras ou caluniosas, ha dias que conserva um mutismo de rochedo sem eco perante um caso que emocionou Lisboa inteira.

Uma sociedade comercial onde ha homens ricos e alguns varias vezes milionarios, foi acusada de falencia fraudulenta. As autoridade judiciaes, com uma coragem digna de louvor, mandaram prender todos os socios d'essa firma, que deram entrada no Limoeiro. Estes factos que foram conhecidos de toda Lisboa, não encontraram na «grande imprensa» um simples relato bem sucinto. Os acusados arranjaram meio de amordaçar os colossos, que, assim, mais uma vez tiveram ocasião de nos mostrar qual a qualidade da moralidade e da justiça de que usam. E' uma moralidade para uso externo. A facilidade com que eles reproduzem as queixas, as calunias que tanto mariola, por vingança vae levar á policia, publicando nomes que depois se vê serem limpos, mas que essa publicidade estupida consegue manchar para sempre, e o silencio que eles agora guardam sobre uma burla de muitas centenas de contas, é bem significativo

De resto, a moral, ali, está no dinheiro. Ali só o vil metal manda. Interesse de tiragem quando o assunto emociona; interesses de outra qualidade quando as campanhas teem outros aspectos. Ninguem se chegue lá que não possa mover estas duas molas reaes que se reduzem ao conselho de Yago «—Mete dinheiro na bolsa». Quem lá aparecer sem esse poderoso motivo terá o aspecto ridiculo do D. Quixote e será corrido como maluco.

* * *

A guerra e os pactos.—Os senhores viram o que ahi houve com o pacto Kellog prohibindo a guerra; viram as propostas de desarmamento integral aprensentadas pelos soviets que foram dos que mais apressadamente adheriram e assignaram o Kellog. Para nos convencerem n'esse como nos teem convencido n'outros assuntos estão agora em guerra com a China. Eu não estranho o desenlace d'essa força. O pacifismo dessa quadrilha, o seu respeito pela liberdade humana e por tudo o que n'este mundo é sério e é honrado, apezar de já ser bem conhecido, fica mais uma vez demonstrado pelo facto. Estou é espera de ver agora o que eles querem roubar aos chinezes. Ainda estou convencido que não irão longe, porque dentro da China ha um formigueiro que os pode devorar mesmo de pé, mas ha lá tambem muitos traidores que só pensam em enriquecer..

Esperemos os acontecimentos...

* * *

Anedotas de jornalistas.—O distinto escritor sr. João Ameal, conta no *Diario de Noticias*, varias anedotas sobre livreiros e jornalistas. Algumas são saborosissimas.

Eu tambem tenho duas n'um pé só, isto é, d'um só jornalista que me parecem dignas de figurar na coleção. Um dramaturgo que ahi ha, destes cujas obras acabaram de arruinar o Teatro Nacional, foi durante das secretario de redacção de um jornal da tarde.

N'essa função emendava e dava forma apresentavel ás correspondencias da provincia. N'uma correspondencia de qualquer terra onde havia castanheiros, o correspondente noticiava que os ouriços já se abriam, deixando cair as castanhas maduras.

O dramaturgo emendou, fechando o periodo: «e as castanhas verdes, de maduras já cahem no chão«. Foi uma galhofa na tipografia.

O mesmo n'um suelto do velho jornal «*O Reporter*», em polemica com o «*Correio Nacional*», chamava «*carneiros cervaes*» aos clericaes. Estão a ver a chacota que os *carneiros cervaes* lhe fizeram. Nunca lhe fui ver os dramas.

Tive medo de me encontrar com as castanhas verdes a cahirem de maduras ou com os carneiros cervaes...

Camara Municipal de Faro

Pelas 15 horas de ontem e com a assistencia do sr. governador civil do districto, tomou posse a comissão administrativa da camara municipal desta cidade, ha pouco nomeada.

Um brado de justiça

Um ex-combatente na miséria

A nossa consciencia de portuguezes e patriotas, os nossos sentimentos de humanidade e de compaixão, chocase perante o abandono votado ao mutilado, ao inválido e estropiado da Grande Guerra.

A Grande Guerra, essa luta formidável e feroz, essa enorme hecatombe que durante anos transformou a Europa num brasido, ensangùentou o mundo, levando o luto e a desolação por tanto lar, e que ainda a sentimos rugir implacavel no entre chocar de interesses, nessa conferência da Haia, além de tanto luto e de tanta dôr, deixou-nos o triste espectaculo da indiferença humana.

Êsse espectaculo gritante e clamoroso é a injustiça refletida nos pobres excombatentes abandonados á indigencia, a sós com a sua desdita, baqueando por êsse Portugal fóra, esquecidos, de inanição e miséria, minados uns pela doença, desesperados outros pela extrema pobreza.

Alguns, ainda, para recuperarem a saúde perdida, que o cumprimento do dever os levou a perder, têem de, pouco a pouco, vender os seus haveres para minorarem os sofrimentos e não faltarem com o pão à esposa e filhos.

Reduzidos à indigência, sem que a saúde lhes venha, sem esperança de um auxilio, minam-se pela fome, depauperam o fisico já de si combalido e morrem miseravelmente, cheios de desgôsto e desânimo, deixando na miseria a esposa e na orfandade e na tristeza os filhos que eles idolatravam.

Dêsses campos revoltos da Flandres, das inóspitas selvas africanas, campos de morte e de sangue, dêsse campo de honra, brada a voz gigante e imponente dos mortos: Justiça! Justiça!

Essas mocidades ceifadas numa luta por um ideal, onde o dever as conduziu, olhos fitos na Patria, coração cheio de saúdade, opresso e constrangido, numa dôce recordação da branca cazinha, da mãe velhinha, dos filhos, da esposa ou noiva, vistas muitas vezes, nesses momentos culminantes de confusão e morte, cobertas de nojo, os olhos velados pelo pranto, entre o rugir cavo do canhão e o fusilar dos metralhadoras, bradam, do túmulo ou da enxerga, atormentados pela doença e pela miséria, à lembrança dos homens, o cumprimento do seu dever de respeito e solidariedade para com os infelizes e heroicos excombatentes.

Esse sacrificio pela Patria, feito nos campos longínquos da Flandres e da África, por um ideal sublime, vergados ao dever, no cumprimento duma ordem, dum auxilio que a Pátria ordenava, tem de ser encarado com carinho e com respeito.

Esses heroicos *serranos*, cheios de honra e autoridade, têem fôrça para bradar o seu desgôsto.

A fé que os alenta, a disciplina e a esperança acalentadora no almejado socorro da Pátria em recompensa de tantos sacrificios, tem de ser um facto, para que a Pátria não seja uma utopia, uma ficção.

Este clamor da minha alma de português e de homem, vem a proposito do estado miseravel de abandono e indiferença a que está votado um soldado da Grande Guerra, 1.º cabo Manuel José Moisés, que jazendo numa miserável cama, no Moinho dos Cavacos, Marim, já nada tem que reduza a dinheiro, encontrando-se amarrado ao leito da doença há 18 meses.

Este infeliz, que na guerra foi ferido, gazeado e feito prisioneiro, ali vive esquecido, finando-se, rodeado da esposa e duma filhinha de pouca idade.

A pena nega-se a descrever aquele quadro lúgubre e tristeza.

A comoção hiante e potente embarga-nos a expressão.

Ex.mo Sr. Ministro da Guerra: Á vossa inteligencia, aos vossos sentimentos de humanidade e de patiiota, a vós, Excelencia, que sois soldado, venho por êle suplicar-vos em nome da Patria, que haja compaixão para aquele infeliz. Os seus lamentos ecoam nas nossas consciências, cheios de autoridade e justiça.

Esse obscuro soldado, que no cumprimento do Dever, tudo perdeu, a saúde, a alegria, os seus haveres, tem direito á recompensa da Nação, ao respeito e carinho de todos os portugueses. Minorar-lhe o sofrimento, arrancar ao seu espirito o espectro da miséria que êle vê rodea-lo e à mulher e à filhinha, é altamente belo, sublime mesmo.

As enormes somas dispendidas com revolucionarios civis e com funcionarios que ao Estado só servem para o sorver, vendendo-se e subornando-se numa impunidade flagrante, bem ficariam socorrendo os infelizes ex-combatentes, que têem todo o direito a receber da Pátria, mais carinho, porque por ela e ao som da sua voz e à sombra do seu símbolo lá foram a deixar a vida ou a saúde.

Exigir o sacrificio e depois votar ao desprezo o sacrificado é a negação completa de inteligencia e humanidade.

A vós, Ex.mo Ministro da Guerra, á Liga dos Combatentes da Grande Guerra, a todos os homens de bem, á inteligencia e patriotismo dos portugueses vai este clamor.

Tanto abandono e tanta falta de humanidade, brada e revolta.

E' preciso que êle não morra amaldiçoando a sua Pátria, é preciso auxiliá-lo, enchê-lo de carinhos e de confôrto.

Porque êles são os verdadeiros portuguêses, os que derramaram o seu sangue em holocausto á Patria, porque os cobardes e os miseráveis que não souberam reparar o mal de principio, ou não quiseram, hão-de ainda sentir o pêso da sua crueldade e ignominia.

Ouçamos a voz da razão...

H. B. L.

A campanha do trigo

O sr. governador civil deste districto, nos termos do decreto 17.252 de 16 do mez findo, pediu ao Sindicato Agricola desta cidade que lhe indicasse o nome de duas individualidades para fazerem parte da comissão administrativa da companha do trigo.

O Sindicato Agricola vae indicar esses nomes

A pagina do cinema

figura bela, excepcional e linda da condessa Ostermann. Ela é, neste forte e sombrio drama de loucura, e de patriotismo, a unica restea de luz, a unica flôr que recorda e perfuma o doce encanto do amôr.

* * *

Francamente, depois da reler as minhas impressões sobre *O Patriota*, a sua realisação e o seu desempenho, senti que neste paiz de criticos cheios de restrições para se darem ares de mestres, a minha pobre prosa sincera transmitindo o meu entusiasmo de cineasta primata, do tempo dos filmes de vinte metros, quando ainda, nos Estados Unidos eles se não faziam, devia parecer um reclamo descabelado aos trez gigantes do Cinema que o realisaram. Quiz no final escrever alguma coisa que afastasse tal suposição, quando me lembrei que, interessado por essa creação genial, eu guardara e lera varios artigos de criticos estrangeiros sobre o flme. Entre eles destaco o do grande critico americano Benjamin Casseres, publicado no *Studio News*, homem que, como eu, assistiu ao nascer do Cinema, e cuja autoridade no assunto é a maior de todas.

Transcreverei alguns trechos desse artigo para se ver que os meus louvores a Jannings de resto já feitos ao Nero do *Quo Vadis*, a *Variedades*, á *Ultima Ordem* e á *Tortura da Carne*, assim como a Lubitsch e a Stone ainda não teem o entusiasmo dos de Casseres, mais em contacto com as grandes obras do cinema e portanto mais *blasé* do que eu para a admiração e para o elogio.

Mas ouçamos Casseres: «Durante hora e meira, eu fiquei—como de resto outros espectadores — encantado, esperando que esta surpreendente aventura não tivesse fim. E, quando o filme acabou, a minha emoção era tão viva, o prazer era tão penetrante, que não pude aplaudir. Ficamos todos silenciosos porque o nosso desejo era gritar a nossa admiração».

«Eu tinha ido ao Rialto como critico e sai entusiasmado como espectador».

«Nada ha a criticar no *Patriota*».

«Deshe ha quarenta anos que tenho ouvido todos os grandes actores do mundo inteiro, e tenho visto todas as *vedetas* do *ecran* desde o nascimento da arte cinematografica. Creio, pois, estar apto para apreciar a diferença entre o actor que cria um papel e lhe dá vida e aquele que inteligentemente o mima na tela. Tenho visto Emil Jannings em todos os filmes que ele tem interpretado á excepção de um e tenho estudado a sua obra.

Não somente declaro que Emil Jannings é o maior actor do mundo, (o que em nada diminue a profunda admiração que tenho por outros) mas depois de o ter visto intretar o papel de Paulo I no *Patriota*, direi até que ele é maior artista que me foi dado admirar».

«Jannings sob as feições de Paulo I, o czar louco, tem uma grandeza épica. Diante dessa figura esquecemos o aparelho, o ensenador, o ecran, para só vermos um ser brutal, insensato, comico, rabelesiano, sadico, um ser de carne e osso diante do qual ficamos tranzidos de espanto. Eu não via o ecran, não estava no cinema, eu não era espectador, estava em S. Petersburgo em 1801 no palacio de um monstro; era testemunha da vida mental e material de um imperador louco nos seus promenores mais intimos até essas scenas em que o czar furioso sentando-se sobre o trono, desafia os soldados do Conde Phalen, recusa abdicar e é assassinado.

Com uma arte consumada Jannings é ora alegre ou furioso, ora terrificante ou servil deante do unico ser que ele teme e ama ao mesmo tempo—o conde Phalen.

E' este o mesmo homem que interpreta *The Last Langh ? (A Tortura da Carne)* e Variedades? E' uma coisa incrivel! Mas o genio deste homem é tão grande!

Homenagem devemos render á sociedade Paramount pela liberdade absoluta que deu a Lubitsch o maior dos ensenadores do cinema.

Este filme que é a obra prima de Janings e ao mesmo tempo de Ernest Lubitsch,

O genio deste grande ensenador é tão maleavel com o de Jannings».

«Lubistsch soube rodear-se de interpretes perfeitos. E' Lewis Stone quem personifica o conde Phalen, o patriota, o homem subtil, meio Machiavel, meio Brutus que ordena o assassinato do czar, para bem da Russia e que se faz matar pelo seu discipulo quando a sua obra está completa, para mostrar a todos que é um patriota e não um egoista».

* * *

A produção da Metro para a proxima temporada.—E' de sessenta filmes a produção cinematografica que a Metro Goldwin Mayer apresenta para a proxima epoca.

Não está incluido n'este numero o filme *Ben-Hur*, que só depois de estreiado no Porto, virá á provincia.

A «Sociedade Universal de super Filmes Lda». tem para a proxima epoca vinte e tantos filmes entre os quaes o *Drama do Mante Cervino*, que ainda não estreiou.

* * *

A «Sociedade Geral de Filmes» que apresentou n'esta epoca *Volga, Volga*, tem para a epoca proxima uma meia duzia de filmes que nos conta serem muito bons. Entre eles ha alguns russos.

A Aldeia do Pecado foi parte d'essas produções.

* * *

A firma Melo, Castelo Branco, Lda, que produziu *Fátima* e está terminado *A Castelã das Berlengas*, tambem resolveu importar filmes e tem já assegurado o fornecimento de 10 ou 12 filmes superiores, em especial filmes russos.

O S. Luiz abrirá com um programa d'essa firma importadora.

A importação de filmes

Alegre-se o publico e alegrem-se os exibidores de filmes. Em Lisboa ha já nove casas que importam e alugam fitas.

Esta abundancia terá como resultado: maior variedade e melhor qualidade dos filmes, e, para os exhibidores, alem d'essas duas coisas, o barateamento dos aluguéis.

Se assim não fôr estará abolida a velha lei automatica da oferta e da procura. Está tudo tão mudado...

A Castelã das Berlengas

Estão quasi terminados os trabalhos deste filme portuguez. Informações que temos por competentes dizem-nos que a *Castelã das Berlengas* será, como *Fátima*, um filme apresentavel em toda a parte do mundo e que, dado os nossos recursos de paiz pobre e de reduzidissima expansão cinematografica, como *Fátima* será tambem um notavel filme. Oxalá que assim seja, para que o esforço benemerito da firma Melo, Castelo Branco Lda. procurando crear o Cinema portuguez não tenha de fracassar.

E' dever de todos os portuguezes louvar e auxiliar por todas as maneiras o trabalho d'aquela firma.

* * *

No dia 15 de Setembro, inaugura a sua epoca de inverno o grande S. Luiz Cine de Lisboa. Julgamos saber que abrirá a temporada com um grande filme russo da empreza Melo, Castelo Branco Lda.

* * *

As opiniões do sr. Gaspar.—O *Cinefilo*, do sr. Avelino de Almeida, ha dois numeros que obtem nos meios cinematograficos um grande sucesso de tiragem com as opiniões sobre os filmes da temporada passada espendidas pelo sr. Gaspar. São opiniões de bota abaixo.

Não conhecemos o ilustre critico de tão demolidora actividade, mas vemos que é um juiz terrivel! Ao ler as suas conspicuas quanto sucintas rasões quasi dogmaticas, parecenos estar em frente de um arrenegado homem, farto de bilhetes de *borla*, obrigado como um grilheta a assistir ao desenrolar de milhões de metros de pelicula, cansado de as opiniões de todos os criticos do mundo, irritado por toda essa *corvée* esmagadora e espicaçado por um pouco de snobismo profissional, vibrando no papel aqueles sarilhos de bengalão inofensivos. Antigamente dizia-se: «Cessa, Saraiva!... Agora pode dizer-se Cessa, Gaspar!

Que grande desdem deve inspirar ao sr. Gaspar a récua de camelos que constitue o publico e a legião de imbecis que confeciona os filmes!

Ha pessoas muito felizes!

Tanto que, para mostrarem o seu genio encontram essas duas piramides, para no alto gloriosamente se exhibirem em corpo inteiro. Pela parte que nos toca não quizemos deixar de retribuir as finezas do sr. Gaspar, que teve a infelicidade para ele de nascer neste exiguo quintal da Europaá beira mar plantado.

Ave! Gaspar!

* * *

Cinegrafia.—No reduzido meio ledor portuguez, a *Cinegrafia*, revista cinematografica portugueza, é uma verdadeira maravilha. Ninguem supunha que em Portugal se pudesse semanalmente, apresentar uma revista restrita á gente cinéfila, com o luxo e com a bela apresentação grafica que tem a *Cinegrafia*. Conhecemos alguns dos arrojados moços que a fundaram e que, apezar de toda a sua boa vontade e inteligencia, a não poderiam manter se os srs. Bertrand a não tivessem chamado a si.

A *Cinegrafia*, é uma revista que faz honra ás boas letras portuguezes, e é mais uma publicação com que os Irmãos Bertrand, benemeritos editores de outras publicações de luxo, se esforçam para que o meio literario portuguez acompanhe com brilho o movimento literario europeu.

Oxalá que o publico corresponda ao esforço que as *Cinegrafia* representa.

J. Lemos

MUNDANISMO

Fazem anos

Em 3—Manuel de Melo Sampaio.
Em 4—D. Maria Teresa Ortigão Sanches.
Em 5—Herculano Herdade.
Em 6—D. Maria Libania Lopes Marques.

Partidas e chegadas

Encontram-se veraneando em Albufeira com suas familias, os srs. coronel Estevão Aguas, tenente coronel Menezes Soares e dr. Alberto Vicente da Silva.

—

Está residindo temporariamente em Lagos o sr. dr. José Antonio Bourquin Brak-Lamy.

—

Está em Armação de Pera o sr. José de Figueiredo, esposa e filhos.

—

Estão a banhos em Albufeira a esposa e filha do sr. Luiz Matheus, desta cidade.

—

Tambem se encontra em Albufeira com sua familia, o sr. dr. Luiz Faisca.

—

Com sua familia retirou para Evora o major sr. Boaventura Aguiar.

—

Regressou de Lisboa o sr. Edmundo Cunha.

—

Da Belgica, onde estava, regressou a Faro o sr. João Dionisio.

De visita á familia do sr. José do Carmo Valente, de Moura, que se encontra veraneando em Monte Gordo, está ali mll. Basilisa da Conceição Serrão e Silva, filha do nosso colega Ferreira da Silva.

—

Com sua esposa e filha está em Albufeira o sr. Joaquim Paulino Fundado.

Retirou para a Capital o sr. José de Sant'ana Queiróz aluno da Facuídade de Medicina de Lisboa.

Estão na praia de Monte Gordo mademoiselles Stela e Madalena Fonseca, filhas do sr. João Alexandre daFonseca.

Está em Faro o sr. Henrique Pinto de Albuquerque Stokler, juiz na Guarda.

Regressou da Curia com sua esposa o sr. Alvaro Vivaldo, agente da Vacuum Oil Company, nesta cidade.

Doentes

Tem, felismente, sentido melhoras o sr. general Macedo Ortigão, que na quarta feira foi acometido de doença subita.

Agradecimento

Ana Cavaco, Izabel Cavaco e Julia Cavaco veem por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam á sua ultima morada o seu chorado filho, marido e irmão Francisco Hermenegildo Cavaco.

A todos reconhecidamente agradecem.

Horta dos Macacos

Vende-se perto de Faro na Estra de Olhão.

Facilita-se o pagamento.

Aceitam-se propostas na Rua de Santo Antonio, 103—Faro.

SACOS

Em bom uso. Vendem-se, Rua Lethes, 25—Faro.

Ha 44 anos

— de —

"O DISTRICTO DE FARO"

De 20 de agosto de 1885

De passagem de Evora para Lagos, sua terra natal, esteve na segunda feira em Faro o sr. bacharel Diogo Rodrigues Formosinho, director do colegio eborense João de Deus e advogado nos auditorios daquela comarca. Trouxe em sua companhia o filho do nosso amigo sr. Antonio de Sant'Ana Cabrita, de Alcantarilha.

—

No dia 10 ligou-se pelos laços conjugaes, na egreja de S. Pedro, desta cidade, o sr. José Teixeira de Carvalho, comerciante, de Lisboa, com ex.ma sr.a D. Lucia Mascarenhas Corte Real, virtuosa menina, mana do nosso malogrado amigo Hermenegildo Mascarenhas Corte Real, amanuense da camara municipal de Faro. Foram testemunhas da noiva o sr. Antonio Joaquim da Silveira Pita e sua ex.ma esposa e do noivo o sr. José Maria de Assis.

Os noivos partiram na noite daquele mesmo dia para Lisboa.

—

Faleceu em Tavira o alferes reformado Jacques Cesario Pessoa, pertencente a uma das familias mais conceituadas daquela cidade. Pouco sobreviveu a seu irmão, o general Joaquim Antonio de Araujo Pessoa, falecido no dia 6, e a seu filho, o facultativo militar Olimpio Pessoa, que uma tisica matara havia trez mezes.

A' escolha dos concorrentes

1000 grafonolas

dadas gratuitamente a titulo de propaganda aos mil primeiros leitores de

O Algarve

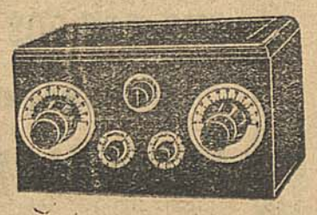
que tenham encontrado a solução exata ao enigma em baixo e se conformem ás nossas condições.

Trocar os pontos pelas letras que faltam e achar o nome de trez cidades portuguezas

P.T.O
L.S.O.
E.O.A

ou

1000 Postos de T. S. F.



Enviar este anuncio completo aos

ÉTABLISSEMENTS

EMYPHONE

Service n.º 2648

17, RUE SEDAINE—PARIS (FRANCE)

Dentro da vossa carta envie um envelope não estampilhado com a vossa direcção bem visivel.

Parures

Gravata e lenço, o que ha de mais chic. Directamente da Suissa á Casa Portugal —FARO.—Telefone 32.

Praia da Rocha

Penção Oceano

Aberta todo o anno. Recebe hospedes a 25$00 diarios, bom tratamento e asseio. Bons quartos. Proprietario Antonio G. Pincarilho.

Azeites Nacionaes

Garantidos, puros de oliveira por analises oficiaes

Fabricação esmerada em suas fabricas de moderna instalação, com os mais perfeitos maquinismos em EXTREMOZ

Americo da Cruz, L.da

Marca A V N.º 1 (Branco) acidez maxima 0,3	Filtrados acidez de 1,5 a 5 graus
» A V N.º 2 (Natural) » » 0,6	
» A V N.º 3 » » » 0,9	

Pedidos aos representantes em Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo Antonio, Albufeira e Portimão

GRAÇA & MARTINS, L.DA

Rua Vasco da Gama, 81 — FARO

SOARES & VIANA L.DA

Editores de musica

48—RUA DO LORETO, 84—**LISBOA**

Telefone Trindade 699

PIANOS

Gramofones e discos

Cordas e acessorios para instrumentos

Remessas á cobrança

MOSAICOS

Optimo acabamento

Grande resistencia ao desgaste

EMPREGO DOS MELHORES MATERIAIS

Fabrico especial da

EMPREZA FABRIL DO ALGARVE, L.DA

FARO

Grilo & Antunes

Fabricante de lanificios

COVILHÃ

Especialidade em artigos finos para homem
Vendas exclusivas ao retalhista.
Enviam-se amostras.

Oficina de canteiro e escultura

— DE —

ANTONIO TOMAZ RAMOS

Sucessor de José Maria Paulino Fernandes

Rua Miguel Bombarda, 7 a 15

FARO

Encarrega-se de todos os trabalhos pertencentes á sua arte

Construção de jazigos e de todos os trabalhos para construção de predios

FORNECIMENTO DE MARMORES PARA MOVEIS

Execução rapida perfeita e economica

ATENÇÃO

Se quizerem viajar dirijam-se á

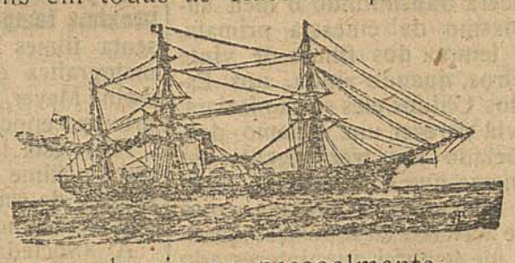
AGENCIA DE PASSAGENS E PASSAPORTES

— DE —

Manuel Guerreiro Matias

para tratar dos seus documentos

Passagens em todas as classes e para toda a parte do mundo. Rapidez e seriedade é a norma desta casa. Para informações gratuitas por correspondencia ou pessoalmente.



Rua do Chiado, 59—FARO

FARINHAS E SEMEAS

Das fábricas

Moinhos Reunidos, L.da

SABÕES

Da fábrica

Dias Ferreira, L.da

Optimas qualidades, os melhores preços

DEPOSITARIOS:

GRAÇA & MARTINS, L.da

Rua Vasco da Gama, 18—FARO

ARREMATAÇÃO

No dia 1 de Setembro proximo, pelas 13 horas, na rua 1.º de Dezembro e estabelecimento do falido José Maria da Encarnação, se hão de vender e arrematar em 3.ª praça, por na 1.ª e 2.ª não terem tido lançador, pelo maior lanço oferecido, os bens ali existentes e pertencentes á massa falida do mesmo.

Ficam citados quaesquer credores incertos.

O Escrivão do 2.º oficio
Anibal Valeriano Pinto Santos

Veriquei: O Juiz Presidente do Tribunal do Comercio
Francisco Carlos Soares

COMARCA DE FARO

Por este juizo e cartorio do 3.º oficio no processo de divorcio por mutuo consentimento requerido por Francisco Ernesto Goes, empregado no Comercio, actulmente ausente em parte incerta, e esposa Ermelinda da Silva Reis Goes, domestica, correm editos intimando editalmente o requerente dito Francisco Ernesto Goes para comparecer no Tribunal Judicial desta Comarca no dia trez de Outubro p. f. pelas 15 horas a fim de ter lugar a conferencia a que se refere o artigo 40 do decreto 3 de Novembro de 1910.

O Escrivão do 3.º oficio
Bernardo José Ferreira

Veriquei: O Juiz de Direito
Francisco Carlos Soares

Quereis dinheiro

Jogae no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

1 Bilhete	170$00
1/2 »	85$00
1/4 »	42$50
1/10 »	17$00
1/20 »	8$00
Cautelas	4$00

Pelo correio mais $30 para registo.

Atende todos os pedidos da provincia.

Sempre sortes grandes

PREDIO, Vende-se um na estrada de Loulé, em estado de novo. Dirigir aos herdeiros do Conde do Cabo de Santa Maria.

Aniz Escarchado

(Ensina-se)

E todos os licores por Tecnico especialisado, a preços em conta, indo a qualquer ponto do paiz ensinar pessoalmente. Todas as casas de vinhos podem fabricar Licores para seu consumo. Carta a M. Ceu,=Rua Moraes Soares, 105, 3.º Esq. Lisboa

FATOS

A prestações semanaes

Só na antiga Alfaiataria

CARAPETO

Rua da Santo Antonio n.º 42—**FARO**

20$00

Fato pronto a vestir na Alfaiataria Ventura Gago Lopes Faisca

A Prestações Semanaes

Se adquirem as celebres

COMPANHIA FABRIL SINGER

Concessionario em Portugal

ADCOCK & COMPANHIA

Rua D. Francisco Gomes, 38

FARO

Decauville

Vende-se 500 metros de via "Decauville", quatro wagonettes e quatro agulhas, em estado novo.

Dirigir propostas a Bentes & C.ª Rua de S. Antonio n.º 9.

FARO

Marques, Vaz Velho & Caiado L.

IMPORT. & EXPORT.

— **FARO** —

Agencia de navegação para todos os portos do mundo

Fabricas de Conservas de peixe

Fornecedores de caixa taria para Conservas

Cimentos TENAZ e AUDAZ

Os melhores e os mais baratos

Depositarios no Algarve:

Graça & Martins, L.da

FARO

Cimento LIS

— DA —

Empreza de Cimentos de Leiria

Cimento branco LAFARGE para imitação de pedra de cantaria

Agente e revendedor

Empreza Fabril do Algarve, L.da

—:— FARO —:—